

DOS CLÁSSICOS AOS CONTEMPORÂNEOS¹

Lucila SCAVONI²

Resumo: O texto faz uma reflexão sobre o diálogo do pensamento social contemporâneo com o pensamento clássico. Utiliza-se das análises de Danilo Martucelli sobre as Sociologias da Modernidade e de Phillippe Corcuff referente aos teóricos construtivistas. Destaca o pensamento de Pierre Bourdieu como exemplo de uma teoria social que se comunica com diferentes teorias clássicas. Conclui que a Sociologia Contemporânea ainda se confronta com as oposições binárias que reforçam a concepção positivista de ciência, fazendo com que o diálogo das teorias modernas com as teorias clássicas ainda continue vivo e incompleto.

Palavras-Chave: Sociologia contemporânea; construtivismo; teoria e pesquisa; dicotomias clássicas.

Abstract: The text makes a reflection the dialogue of the contemporary social thought with the classic thought. It makes use of the analyzes of Danilo Martucelli about the sociologies of modernity and Phillippe Corcuff regarding the theoretical constructivists. It emphasizes Pierre Bourdieu as example of a social theory that communicates with different classic theories. It concludes that the contemporary sociology is still confronted with the binary oppositions that reinforce the positivist conception of science, doing that the dialogue between modern and classic theories still being alive and incomplete.

Keywords: Contemporary sociology; constructivism; theory and research; Classic dichotomy.

O estudo da Sociologia contemporânea nos remete a um constante diálogo com as teorias sociais fundadoras das ciências sociais, mostrando-nos que se o

¹ Conferência proferida na mesa-redonda "A recepção e a leitura dos clássicos no Brasil" no evento "Os clássicos e sua contínua-ação nas Ciências Sociais". UNESP – Araraquara. 26-08-2003.

² Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

conhecimento sociológico costuma se construir em sintonia com as inquietações de seu tempo, ele não pode prescindir da História das Idéias para seu crescimento. Portanto, interessa-nos, aqui, pensar não só como se dá a interpretação, absorção e superação dos clássicos na teoria social contemporânea, mas também como são tratadas as questões teórico-metodológicas clássicas das ciências sociais - tais como a relação indivíduo e sociedade, teoria e prática, objetividade e subjetividade - na compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos.

Nunca é demais lembrar que as Ciências Sociais, e especialmente, a Sociologia, nasceram no séc. XIX, no bojo das revoluções industrial, política e científica: um período de grandes transformações e inseguranças sociais. Emergindo com a sociedade industrial moderna, a Sociologia se construiu influenciada pelo paradigma das ciências naturais e exatas; rompeu a explicação teológica do mundo e buscou se diferenciar da explicação filosófica. Assim, ela abria o caminho para a compreensão científica do mundo social dividido e multifacetado que então se anunciava.

Entretanto, filha da Filosofia, vinha com a marca das especulações universais e generalizadoras, conforme a obra de seus três mais importantes fundadores, Marx (1818-1883), Durkheim (1858-1917) e Weber (1864-1920). De fato, observa-se nestes autores não só uma preocupação em integrar o conhecimento de mais de uma disciplina - em Marx e Weber a Economia e a Política, em Durkheim sobretudo a Antropologia - como, também a busca de uma explicação da sociedade marcada por representações globais da realidade. As abordagens holista de Durkheim, a de totalidade em Marx, a do específico visando ao universal em Weber, nos indicam essa tendência que, de certo modo, permanece como uma identidade da Sociologia até os dias de hoje: uma ciência que se pretende generalizadora na explicação dos fenômenos sociais, apesar de suas inúmeras especializações³.

Outra marca identitária da Sociologia, que deriva de seu nascimento no período das crises econômicas e políticas do séc. XIX, é sua preocupação com a **questão social**. Observamos este fato em Marx ao não separar contemplação/ação, visando às transformações sociais; em Durkheim, ao

³ Embora a Sociologia Contemporânea tenha mantido a tendência da explicação abrangente do mundo social, ela elaborou um aprofundamento temático que resultou em um amplo leque de sociologias especializadas. Este fato é coerente com a complexificação das sociedades

buscar explicar as tensões sociais pelo fortalecimento de uma ciência da moral, com base no princípio da coesão e da integração social; em Weber, ao interpretar a sociedade capitalista por um amplo processo de racionalização que se fundamenta no valor do trabalho e em uma ética que lhe anima.

Embora em um contexto e perspectivas absolutamente diversas, a Sociologia Contemporânea (dos meados do séc XX em diante) continua voltada para a **questão social**, constituindo-se, praticamente, em seu amplo objeto de estudo. Autores contemporâneos, como Pierre Bourdieu (1930-2002) ao construir uma contundente crítica ao néo-liberalismo, ou como Boaventura Sousa Santos ao defender **um conhecimento prudente para uma vida decente**, com vistas ao reencantamento do mundo, estão evidenciando suas inquietações com as novas questões sociais que afligem o mundo em que vivemos (BOURDIEU, 1998; SANTOS, 2002). Questões que foram colocadas no nascimento da Sociologia são retomadas de formas diferentes pelo pensamento contemporâneo, renovadas pelas indagações à realidade presente. Entretanto, costumamos classificar as Sociologias Clássicas e as Sociologias Contemporâneas de forma cronológica, separando-as principalmente pela sua temporalidade ; a busca da compreensão de uma nova época coloca as teorias sociais contemporâneas em um novo estágio de elaboração.

Martuccelli (1999) ao traçar o itinerário do pensamento sociológico do século XIX e XX, faz uma análise das “sociologias da modernidade” colocando clássicos e contemporâneos sob a égide de uma única matriz : a da modernidade. Essa matriz lhe possibilitou compreender a continuidade da reflexão sociológica e ao mesmo tempo sublinhar a reinterpretação da modernidade, em suas diferentes fases, por diversos autores. A modernidade, que ainda não se esgotou, vai também designar a sociedade em que vivemos, o tempo presente. Mas o presente não pode ser compreendido sem o conhecimento do passado, que só a História fornece. O rompimento radical entre o fio do passado com o presente, em geral, nos é narrado por algum acontecimento inaugural (a Revolução Francesa, o início da industrialização, a consolidação histórica do Estado-Nação, a secularização) que pretende explicar tal ruptura. As Sociologias da Modernidade nascem tanto da consciência da distância do presente com o passado, como da necessidade de nos interrogarmos sobre as formas dessa distância.

Ao situar todas as teorias sociológicas como Sociologias da Modernidade, Martuccelli amplia o leque da modernidade estendendo-o do séc. XIX ao XX,

buscando um eixo comum entre os autores, cada qual interpretando o seu tempo. Para tanto, reúne os pensadores em torno de três grandes figuras de desajustamento: **a diferenciação social** (Émile Durkheim, Talcott Parsons, Pierre Bourdieu, Niklas Luhmann) ; **a racionalização** (Max Weber, Norbert Elias, Herbert Marcuse, Michel Foucault, Jürgen Habermas) ; **a condição moderna** (Georg Simmel, A Escola de Chicago, Erving Goffman, Alain Touraine, Anthony Giddens).

Na primeira, por exemplo, pode-se aproximar Durkheim, com sua problemática de integração e diferenciação, de desvios e normas, a Bourdieu, com sua concepção de espaço social, campo e *habitus*. Dois sociólogos que, em períodos históricos distintos, utilizaram a mesma lógica de análise para compreender o tempo em que viviam, partindo do estudo de grupos menos complexos para os grupos mais complexos, do homogêneo para o heterogêneo, procurando compreender a diferenciação social. Durkheim, por exemplo, com base nos estudos das religiões primitivas, buscou explicar a recorrência e a permanência do fenômeno religioso em todas as sociedades ; já Bourdieu, fundamentando-se em suas pesquisas da sociedade tradicional Cabília, construiu a explicação do princípio da dominação masculina, princípio este encontrável – com nuances diferentes, segundo os capitais culturais, econômicos, sociais e políticos de cada sociedade – em todos os campos do espaço social.

No eixo da racionalização, Max Weber com sua compreensão desencantada do mundo moderno e Michel Foucault (1926-1984) utilizando a racionalização como uma forma de assujeitamento e controle social, podem ser, também, dois exemplos convergentes. No primeiro, o processo de racionalização vem junto com o capitalismo e com uma organização previsível do mundo, gerando o desencantamento. No segundo, a racionalização se constitui com o aprimoramento de dispositivos disciplinares de poder – **tecnologias de poder** - adestrando e controlando os indivíduos no mais recôndito dos seus corpos.

Na condição moderna, G. Simmel (1858-1918), a Escola de Chicago, Goffman (1922-1982), Touraine convergem em algumas análises das cidades, da cultura, da democracia, dos movimentos urbanos. A interpretação de Martucelli nos dá uma idéia da quase impossibilidade de classificar os autores contemporâneos em escolas, ou correntes, tamanha a diversidade e riqueza de pensamento. Por outro lado, ela mostra uma tendência da continuação dos clássicos nos contemporâneos (aliás, palavra que vocês tão bem empregaram

no título deste evento : a contínua-ção dos clássicos), que nem sempre significa interpretação linear, ou até identidade de idéias, mas construções teórico-metodológicas que partem de uma mesma lógica, de uma matriz comum.

Em outra interpretação da Sociologia Contemporânea, Corcuff (1995) critica a forma como a leitura contemporânea da sociologia clássica conservou os esquemas dicotômicos como ideal/material , subjetivo /objetivo , individual/coletivo, alguns herdados da Filosofia, integrados pelos fundadores e reinterpretados pelos contemporâneos. Mostra-nos como este sistema de oposição foi reforçado até na própria leitura dos clássicos, sugerindo que leituras dogmáticas de Marx acentuaram a polaridade materialismo/idealismo, enquanto outras, menos dogmáticas, tal qual, a de Godelier, se propunham sair dessa oposição clássica, colocando, por exemplo, que toda relação social, incluiria uma parte ideal, uma parte de pensamento e de representações.

Contra essa tendência de criar oposições binárias que herdada de uma leitura equivocada dos clássicos, Corcuff (1995) nos mostra como autores contemporâneos, agrupados no que ele define como “galáxia construtivista” buscaram saídas para superar este impasse, sem de fato, constituírem uma escola, ou uma corrente : Norbert Elias (1897-1990), Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Peter Berger, Aaron Cicourel, Michel Callon, Bruno Latour, Edward Thompson, Luc Boltanski, entre outros. O quê há em comum entre eles ? É o fato de apreenderem as realidades sociais como construções históricas cotidianas por atores individuais e coletivos. Há nesta apreensão da realidade social um duplo movimento que foi sistematizado por Sartre (1905-1980) , em um prolongamento crítico da filosofia dialética de Hegel (1770-1831) : “a interiorização do exterior e a exteriorização do interior”.

O(as) atore(as) sociais interiorizam a objetividade presente nas palavras, nas instituições, nas regras herdadas do passado, as transformam e criam outras. Por outro lado, essas realidades sociais estão inscritas no mundo subjetivo, constituem formas de conhecimento, de percepção. Nesse duplo movimento estaríamos fazendo uma abordagem da realidade social que superaria a dicotomia indivíduo/sociedade apreendendo o real, pela idéia de Gaston Bachelard (1884-1962), retomada por Pierre Bourdieu, de que o “real é relacional”, evitando, assim, reduzir a realidade a um só polo de interpretação ao situar a causalidade do fenômeno social em uma ampla rede de relações. Este princípio está vinculado a uma filosofia da Ciência relacional, que segundo Bachelard é parte de toda filosofia moderna. Nas duas perspectivas apontadas,

a de Martucelli e de Corcuff, há presente a idéia da **apropriação e transferência do passado** pelos sociólogos contemporâneos que, ao interpretarem o mundo social em que vivem, buscam inspiração nas teorias clássicas para construir novas teorias.

Pierre Bourdieu é um bom exemplo desse percurso. Sua teoria do mundo social se filia em uma “filosofia do saber, da racionalidade e do conceito” - nas figuras de Cavaillès, Bachelard, Koiré e Canguilhem (PINTO, 1998) - buscando comunicar teorias sociológicas opostas, sem cair nas “falsas sínteses ecléticas”⁴ e criando uma nova teoria. Ele tomou, por exemplo, de Marx, o conceito de capital e o ampliou. Em sua análise do espaço social francês ele enfatiza o capital econômico e o capital cultural, considerando que, na sociedade francesa, são os capitais mais eficientes. Entretanto, o seu conceito de capital estende-se e abrange outros campos como o social, o político, o científico, o linguístico, o simbólico. Todos os capitais juntos estariam presentes na noção de capital global, conceito que coloca os grupos num determinado lugar do espaço social. Como não há um capital determinante, podemos encontrar grupos ou indivíduos que detêm um capital econômico sem correspondência com seu capital cultural, ou vice-versa, tais como o(as) professor(e) universitário(a) que teriam no espaço social francês maior capital cultural que econômico, ao contrário dos padrões de comércio e da indústria.⁵

Em sua análise institucional, Bourdieu parte do mesmo princípio de Durkheim ao buscar as causas sociais da regularidade de um fenômeno mostrando sua força social. Entretanto, ele avança Durkheim ao conseguir solucionar, ou pelo menos, tornar mais clara a relação entre o indivíduo e a sociedade⁶, estabelecendo-a por meio dos seus conceitos de **campo** (posições sociais) e de *habitus* (disposições individuais). Buscando esta relação Bourdieu faz uma caracterização do **espaço social** com elementos invariantes (**estrutura**) que teriam a pretensão de **validade universal** e os elementos variantes (*habitus*) marcados no mais profundo dos corpos pelas histórias coletivas e regionais

⁴ Ao condenar as grandes sínteses que não constroem uma nova teoria, Bourdieu lembra, por outro lado, que a condenação que se costuma fazer ao ecletismo em si “seguidamente serviu como alibi da incultura”. Ao separarmos as teorias sociológicas pelo dogmatismo fechamos as portas ao conhecimento. (BOURDIEU, 1980, p.24).

⁵ O conceito de capital concebido na teoria de Bourdieu se generalizou e podemos dizer que seu uso ultrapassou o círculo dos intérpretes e simpatizantes de sua obra.

⁶ Durkheim, cuja tendência inegável de enfatizar a força do coletivo e da sociedade em relação aos seus componentes individuais vai, em seus últimos trabalhos, intensificar a idéia de “indivíduo moral”

diferenciadas. Nesse esquema teórico, contempla a relação de via dupla entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas, em última instância, entre o indivíduo e a sociedade. “O corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo”. (BOURDIEU, 1992, p.38).

A análise de Bourdieu da violência e força simbólica nos mostra como ela se exerce de fora para dentro do indivíduo agindo sobre o corpo e não sobre a consciência (subjetivação da objetivação) e também de dentro para fora do indivíduo (objetivação da subjetivação).

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física ; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (BOURDIEU, 1999, p.50)

Esta violência simbólica é real, não se passa no imaginário, mas nos corpos que, por meio das disposições adquiridas, são consideradas **naturais**. Ao analisar **a economia dos bens simbólicos** Bourdieu está também, dialogando com Weber que estendeu

a análise econômica (em um sentido generalizado) a terrenos normalmente abandonados pela economia, como a religião. Assim, ele caracteriza a Igreja, por uma magnífica fórmula, como detentora do monopólio da manipulação dos bens da salvação. (BOURDIEU, 1980, p.25)

Sua noção de capital simbólico (como por exemplo, força física, riqueza) confere um sentido rigoroso ao que Weber chamava de carisma (noção mais descritiva) ; este capital reconhecido “pelos agentes sociais dotados de percepção” torna-se eficiente simbolicamente, como uma “verdadeira força mágica” que faz com que os indivíduos aceitem, nesse caso, as injunções religiosas. (BOURDIEU, 1994).

Pinto (1998) mostra como Bourdieu - filósofo de formação, reconvertido às ciências sociais - levou adiante sua obra científica em um período em que a academia francesa (anos 50-60) estava dividida de um lado, por professores aplicados a comentar os fundadores da Sociologia e de outro lado, por pesquisadores de pesquisa empírica aplicada. Se Bourdieu conseguiu com sua obra contribuir para a construção de uma sociologia reflexiva frente às práticas sociais, ultrapassando a dicotomia do objetivismo/subjetivismo, podemos dizer que a separação do ensino e da pesquisa é ainda corrente na academia,

principalmente, nos países do sul. Esta situação tem como consequência um hiperteoricismo, ou um hiperempirismo, dificultando a construção de novas teorias explicativas da sociedade.

As análises dos cientistas sociais contemporâneos como Bourdieu, Foucault, Elias, Giddens, Latour, entre outros, abriram caminho para superarmos dicotomias clássicas, inclusive entre a macro e micro Sociologia, a teoria e a pesquisa, não reduzindo a realidade a explicações generalizantes, nem tampouco a explicações demasiado particulares e descritivas. Entretanto, mesmo trazendo à cena novo(as) atore(as) sociais e com ele(as) a renovação das referências teórico-metodológicas, dando lugar às Sociologias Específicas, a Sociologia Contemporânea ainda se confronta com a busca da superação das oposições binárias que reforçam a concepção positivista de ciência. O fato da ruptura não ter se realizado completamente nos coloca hoje frente ao que Santos (1989) chamou de um período de **transição paradigmática** no qual, nosso diálogo com as teorias clássicas ainda continua vivo e incompleto.

Referências

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. **Réponses**. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, P. **Raisons pratiques: sur la théorie de l'action**. Paris: Seuil, 1994.

BOURDIEU, P. **Contre-feux: propos pour servir à la résistance contre l'invasion neo-liberal**. Paris: Liber-Raison d'Agir, 1998.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1999.

CORCUFF, P. **Les nouvelles sociologies**. Paris: Nathan, 1995.

MARTUCELLI, D. **Sociologies de la modernité**. Paris: Gallimard, 1999.

PINTO, L. **Pierrri Bourdieu et la théorie du monde social**. Paris: Albin Michel, 1998.

SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, B. de S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, out. p.237-80, 2002.